

Jesus, Hélio e Mitra: como os rituais de magia contribuíram para a expansão do cristianismo primitivo

Daniel Soares Veiga*

Resumo

O objetivo deste artigo é demonstrar que os primeiros cristãos apelavam para práticas de magia, nas quais Jesus foi associado com a figura do deus-sol. Este, por sua vez, ganhou espaço na religiosidade popular através da expansão do mitraísmo. Esta aproximação do cristianismo com o culto à divindade solar por meio de rituais mágicos foi fundamental para o sucesso do proselitismo cristão. A metodologia empregada consiste na análise de textos papirológicos contendo fórmulas mágicas de proteção contra inimigos externos, onde o nome de Jesus é mencionado em correlação com outras divindades, em especial com a divindade solar conhecida como Hélio.

Palavras-chave: cristianismo; mitraísmo; divindade solar; magia; sincretismo.

Jesus, Helius and Mithra: How the Rituals of Magic Have Contributed to the Expansion of Primitive Christianity.

Abstract

The purpose of this article is to prove that the early christians have appealed to magical practices, in which Jesus was associated with the figure of the sun god. This god, in turn, got prominence in popular religiosity through the expansion of mithraism. This approach of christianity to the cult of the solar divinity through magical rituals was fundamental to the success of christian proselytism. The methodology used consists in the analysis of papyrological texts containing magical formulas for protection against external enemies, where the name of Jesus is mentioned in correlation with other deities, especially with the solar deity known as Helius.

Key-words: christianity; mithraism; solar deity; magic; syncretism.

* Doutor em História Antiga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Especialista em História Antiga, com ênfase em Jesus histórico, messianismo judaico, paleocristianismo e Palestina romana. danisoavei@bol.com.br

Jesús, Helio y Mitra: Cómo los Rituales de la Magia Contribuyeron a la Expansión del Cristianismo Primitivo.

Resumen

El propósito de este artículo es demostrar que los primeros cristianos apelaron a las prácticas mágicas, en las cuales Jesús estaba asociado con la figura del dios del sol. Esto, a su vez, ganó espacio en la religiosidad popular a través de la expansión del mitraísmo. Este acercamiento del cristianismo al culto a la divinidad solar a través de rituales mágicos fue fundamental para el éxito del proselitismo cristiano. La metodología utilizada consiste en el análisis de textos papirológicos que contienen fórmulas mágicas para la protección contra enemigos externos, donde el nombre de Jesús se menciona en correlación con otras deidades, especialmente con la deidad solar conocida como Helio.

Palabras-clave: cristianismo; mitraísmo; deidad solar; magia; sincretismo.

Introdução

Decidimos, por uma razão didática, iniciar a abordagem do tema deste artigo a partir da análise de um trecho de uma das epístolas do Novo Testamento, a assim denominada *Epístola aos Efésios*. Antes de tudo, é conveniente esclarecermos o leitor que a referida epístola, embora esteja inserida no *corpus* paulino e seja considerada pela tradição cristã como tendo sido redigida por Paulo, por volta dos anos 60, quando o mesmo supostamente se encontrava prisioneiro em Roma, trata-se, na verdade, de uma composição deutero-paulina que foi escrita nos anos 80, ou seja, uma geração depois da pregação do apóstolo Paulo (CAVALCANTI, 2013: 82).

É quase certo também que os destinatários da carta não fossem apenas os cristãos residentes na cidade de Éfeso e sim as várias comunidades cristãs disseminadas ao longo da província da Ásia Menor. Província, aliás, da qual Éfeso era a capital. A razão para nossa suposição reside na total ausência (com exceção de Ef 1:1, que é, provavelmente, um acréscimo tardio) de menção ao nome da cidade. Do mesmo modo, não se nomeia em parte alguma o gentílico dos habitantes da cidade e nem há qualquer indício, no texto, que remeta à imagem da cidade (por exemplo, o Templo de Ártemis nunca é mencionado). Todavia, há um bom motivo para se acreditar que a comunidade cristã efesina estivesse incluída entre os destinatários da carta, como veremos adiante.

Os estudiosos José Adriano Filho e Paulo Augusto de S. Nogueira (2015) publicaram recentemente um artigo, no qual chamam a nossa atenção para a enorme variedade de crenças e tradições religiosas que vicejavam na cidade de Éfeso, no tempo das primeiras gerações de cristãos. Além do

culto à deusa Ártemis, padroeira da cidade, existiam templos dedicados aos imperadores Domiciano e Trajano, onde os mesmos podiam ser venerados como divindades. Existiam grupos de taumátúrgicos “pagãos” itinerantes e exorcistas judeus, que competiam diretamente com os cristãos na disputa para saber quem detinha maiores poderes mágicos. Havia, inclusive, grupos de cristãos “alternativos” (isto é, que não seguiam ou mesmo desconheciam a doutrina paulina do cristianismo), que também concorriam diretamente com os cristãos da vertente paulina (aos quais a carta foi dirigida) pela cooptação de adeptos à sua crença¹ (FILHO & NOGUEIRA, 2015: 1936-1938).

Em uma cidade com um caldeirão cultural de tradições, crenças e religiões tão diversificadas, era natural que a prática da magia, para os mais diversos fins, fosse algo corriqueiro. Sabemos, por exemplo, por meio do livro de Atos dos Apóstolos, datado da primeira metade do século II, que em Éfeso ocorreu a queima de um grande número de livros de magia por parte daqueles que tinham acabado de se converter à fé cristã (At 19:19). Este episódio não tem correspondente em nenhuma epístola paulina. Pouco depois, no mesmo capítulo, é narrada a revolta dos ourives contra os cristãos (At 19:23-40).

[Discurso de Demétrio aos demais ourives]: Não somente em Éfeso, mas em quase toda Ásia, este Paulo tem desencaminhado, com suas persuasões, uma multidão considerável [de adoradores de Ártemis], pois diz que não são deuses os que são feitos por mãos humanas. Isto não só traz o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, mas também o próprio templo da grande deusa Ártemis perderá todo o seu prestígio (...) Ouvindo isso, ficaram cheio de furor e puseram-se a gritar: “Grande é a Ártemis dos efésios!” A cidade foi tomada de confusão, e todos à uma se precipitaram para o teatro, arrastando consigo os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de viagem de Paulo. (...) fazendo sinal com a mão, Alexandre quis dar uma explicação ao povo. Quando, porém, reconheceram que era judeu, uma voz fez-se ouvir da parte de todos, gritando por quase duas horas: “É grande a Ártemis dos efésios!” (...). Acalmando, afinal, a multidão, o escrivão da cidade assim falou: “(...) estamos correndo o risco de ser acusados de sedição pelo que hoje aconteceu, não havendo causa alguma que possamos alegar para justificar esta aglomeração”. Com estas palavras, pois, dissolveu a assembleia. (grifo meu)

(At 19:26-40)

¹ Dentre estes, havia aqueles que desconheciam até mesmo o batismo em nome de Jesus e praticavam unicamente o batismo de João Batista.

Teria toda esta revolta sido causada pela queima dos livros sagrados, ao invés de ter sido motivada apenas pela ganância de um grupo de ourives, como afirma o autor de Atos? Os efésios teriam receado uma vingança feroz da deusa Ártemis pela queima de papiros mágicos que, provavelmente, deviam invocar seu nome e, por isso, a ira contra os cristãos? Ártemis era uma divindade conhecida por sua índole vingativa. Narrativas sobre sua mitologia corroboram isso. Uma das estórias nos conta que um caçador, chamado Acteón, em uma de suas caçadas pela floresta acompanhado de seus cães, avistou a deusa nua enquanto ela se banhava numa cachoeira. Percebendo que estava sendo observada, Ártemis se enfureceu e transformou Acteón num cervo, o que fez com que ele fosse devorado pelos seus próprios cães. (Pseudo-Apolodoro. 3.4.3). Outra estória relata que a esposa do rei de Tebas, Níobe, mãe de quatorze filhos, menosprezou a deusa Leto pelo fato dela ter tido apenas dois filhos, Ártemis e Apolo. Para vingar a ofensa à sua mãe, Ártemis e seu irmão, Apolo, assassinaram os filhos de Níobe disparando suas flechas sobre eles. (Pseudo-Apolodoro. 3.5.6).

Outrossim, José Adrian Filho e Paulo Augusto de S. Nogueira (2015) frisam que o próprio culto a Ártemis Efésia era associado ao culto imperial e ao culto de Roma, haja vista que, durante as procissões da estátua da deusa pela cidade em ocasiões festivas, as imagens do imperador a acompanhavam. Havia, então, uma articulação imagética e ideológica clara, ainda que artificial, entre a religiosidade efesina e a ordem pública sob os auspícios do poder romano (FILHO & NOGUEIRA, 2015: 1948). Inferimos, portanto, que afrontar o culto à deusa Ártemis implicava (em um grau maior ou menor) em desafiar ou desconsiderar a legitimidade da autoridade imperial vigente.

Façamos agora um parêntese para reproduzir um trecho do último capítulo da epístola, que serve como uma recomendação final aos correligionários cristãos:

Finalmente, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo. Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais. Por isso, deveis vestir a armadura de Deus, para poderdes resistir no dia mau e sair firmes de todo combate. Portanto, ponde-vos de pé e cingi os vossos rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça, e calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz, empunhando sempre o escudo da fé, com o qual poderei

extinguir os dardos inflamados do Maligno. E tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. (Efésios 6:10-17).

Analisemos: a Epístola aos Efésios se encerra com a recomendação aos cristãos de que eles vistam a armadura, peguem o escudo, ponham o elmo e embainhem a espada. Ou seja, que eles se preparem para uma batalha iminente, que será feroz e que será travada no plano espiritual. Por que o autor da epístola utilizou a imagem de artefatos de guerra como metáfora?

Uma resposta plausível é que o que nós temos aqui é a idealização da imagem do soldado romano como aquele que tem força e poder para vencer os inimigos. E há uma explicação simples para isto. Afinal, as legiões romanas eram reconhecidas e temidas como a mais poderosa máquina de guerra que o mundo jamais havia visto. Suas vitórias nos campos de batalhas e as centenas de povos conquistados ou exterminados pela força das armas do exército romano eram fatos indiscutíveis e de conhecimento público. O soldado/legionário romano era considerado pelo senso comum como invencível, *Invictus* em latim. Voltaremos a este assunto mais adiante.

É interessante notarmos que, segundo o autor de Atos dos Apóstolos, a simples menção a uma intervenção militar para reprimir o protesto dos devotos de Ártemis é suficiente para dispersar a multidão (At 19:35-40). Multidão esta que parecia ensandecida, possuída, pois seus membros gritaram sem parar por duas horas.

E aqui frisamos o adjetivo possuído intencionalmente para enfatizarmos o sentido literal do termo, qual seja, possuídos pelo demônio. Sabemos, por meio da literatura clássica, que pessoas obsidiadas por demônios externavam comportamentos histéricos, carregados de frenesi, e não raramente acompanhados de surtos de violência, com sede de sangue. Outro aspecto característico dos indivíduos possuídos é que eles costumavam bradar por horas seguidas ou então de forma recorrente. Temos relatos deste tipo de comportamento em fontes cristãs e da literatura greco-romana: no primeiro caso, podemos citar os endemoninhados gadarenos/gerasenos das passagens de Marcos (Mc 5:5) e Mateus (Mt 8:28-29).

Ao chegar ao outro lado, ao país dos gadarenos, vieram ao seu encontro [de Jesus e dos discípulos] dois endemoninhados (...) Eram tão ferozes que ninguém podia passar por aquele caminho. E eis que **se puseram a gritar**: que queres de nós, filho de Deus? (grifo meu) (Mt 8:28-29)

Chegaram do outro lado do mar, à região dos gerasenos. Logo que Jesus desceu do barco, caminhou ao seu encontro, vindo dos túmulos, um homem possuído por um espírito impuro (...) E, sem descanso, noite e dia perambulava pelas tumbas e pelas montanhas, **dando gritos** e se ferindo com pedras (...) (grifo meu) (Mc 5:5).

Na literatura clássica, temos o episódio do rapaz dominado pelo demônio, que é curado por Apolônio de Tiana:

Enquanto ele [Apolônio] discutia a questão das libações, por uma eventualidade estava presente na audiência um jovem folgazão que ostentava uma reputação de depravação de uma tal maneira que sua conduta há muito tinha sido tema de cantigas obscenas. (...) E, de fato, o jovem era, sem saber, possuído por um demônio. (...) Quando Apolônio fitou-o, o espírito nele começou a **vociferar brados de medo e raiva, tal como faz uma pessoa que está sendo queimada** (...) (grifo meu) (Filóstrato. Vida de Apolônio de Tiana IV § 20).

E como um exemplo de entidades funestas que gritam de modo aterrorizante e ameaçador, temos as Eríneas, criaturas que têm por função punir severamente os espíritos dos criminosos. Elas são retratadas na peça *As Eumênides*, de Ésquilo, onde são incumbidas de castigar Orestes, por ter matado sua própria mãe, Clitemnestra:

Corifeu [a líder das Eríneas]: Filha de Zeus [Atena], você ouvirá toda a estória em breve. Nós somos as filhas da Noite. Nós somos denominadas de Maldições em nossos lares subterrâneos.

Atena: Agora eu reconheço suas famílias e o nome pelas quais vocês são chamadas.

Corifeu: Você em breve saberá muito do meu ofício.

Atena: Eu compreenderei se alguma de vocês contar a estória claramente.

Corifeu: Nós afugentamos assassinos dos seus lares.

Atena: E onde termina a fuga do assassino?

Corifeu: Onde a alegria está ausente e é desconhecida.

Atena: E vocês afugentariam este homem com seus gritos por causa da sua fuga?

Corifeu: Sim, uma vez que ele pensou ser correto assassinar sua mãe. (Ésquilo. *As Eumênides*. Linhas 415-425)

Tendo dito isto, inferimos então, pela narrativa de Atos dos Apóstolos, que é a figura do soldado que afugenta o demônio. Seu escudo e couraça protegem o cristão/soldado da magia de entidades como Ártemis. Como já

foi dito acima, o soldado romano era considerado *Invictus*, imbatível². Figura controversa, o soldado romano, ao mesmo tempo em que era temido por sua ferocidade desenfreada, também era, de certo modo, admirado por uma parcela considerável da população, dentro e fora de Roma. E o motivo desta admiração se explica pelo modelo de vida regrada, disciplinada e frugal que muitos cidadãos enxergavam nos soldados.

Conforme ressaltou Rafael de Abreu e Souza (2004), a *disciplina militaris* demandava obediência e requeria uma austeridade masculina que, teoricamente, tornava o soldado avesso à luxúria e a todos os tipos de vícios. No imaginário popular, o bom soldado era aquele que permanecia celibatário pelo maior tempo possível³ (SOUZA, 2004: 453).

Neste ponto, podemos vislumbrar um denominador comum com a ética e as exortações morais apregoadas por Paulo em suas epístolas, onde ele recomenda veementemente que os cristãos se afastem de todas as pessoas que pratiquem quaisquer tipos de vícios ou má conduta. Em Rm 1:28-32 e 1 Cor 5:9-13, Paulo admoesta a todos os cristãos que evitem se aproximar de todo indivíduo que tenha uma conduta repreensível: beberrões, ladrões, impudicos, mentirosos, assassinos, que praticam incesto, etc. Em 1 Cor 7:1-3, Paulo fornece recomendações sobre como o marido devia se comportar em relação à sua esposa, respeitando-a e cumprindo os seus deveres matrimoniais, preservando, assim, a família; a *célula-mater* da sociedade patriarcal.

Mais adiante, em 1 Cor 7:32-34, Paulo aconselha os cristãos solteiros a permanecerem celibatários, a fim de que possam se dedicar com mais afinco às suas tarefas missionárias, o mesmo comportamento que se esperava de um soldado romano, sempre pronto para a batalha, sem precisar se preocupar com esposa ou demais afazeres domésticos.

Há um comentário interessante feito pelo historiador Tácito, onde ele escreve que o soldado romano se corrompe quando entra em contato com os civis. (Tácito. *Histórias* 153.45). No fundo, o que Tácito está afirmando é que o soldado romano era, a princípio, de natureza incorruptível e, portanto, digno de admiração por sua moral elevada e seu estilo de vida austero; apenas se degradando quando ele se imiscuía na vida cotidiana dos civis que gravitavam

² Esta percepção do soldado como invencível o aproximará de certos personagens da mitologia clássica, como Hércules, que em muitas localidades era cultuado em templos e santuários e tinha o epíteto de *Invictus*.

³ Evidentemente, trata-se de uma idealização, pois sabemos que soldados frequentavam comumente prostíbulos, muitos localizados inclusive bem próximos dos acampamentos militares.

ao seu redor. É a partir daí que devemos compreender outra observação feita por Tácito, qual seja, de que a *thymos*, a “nobre fúria” dos soldados, necessária no campo de batalha, se transforma em selvageria descontrolada (SOUZA, 2004: 457). Tácito estaria falando a partir do olhar de um civil que assiste, com desgosto, os soldados se envolverem diretamente nos assuntos cotidianos de responsabilidade exclusiva dos cidadãos.

Este modo de interpretar é corroborado pela maneira como os platônicos, por exemplo, enxergavam os soldados. Segundo Plutarco, os soldados eram cidadãos dotados de habilidades naturais que, no exercício do seu ofício, propiciavam aos demais cidadãos a possibilidade de se dedicarem plenamente, sem preocupação, aos seus afazeres, o que correspondia ao ideal platônico da república. Em outras palavras, para Plutarco e os platônicos, os soldados cumpriam uma função sagrada, pois eram eles que garantiam a ordem e a paz na sociedade (SOUZA, 2004: 458).

E aonde nos leva esta constatação de uma similitude entre a virtuosidade ideal do modelo de vida cristã, pautado na moralidade, e a ética sóbria e espartana do soldado romano? Ou melhor, em que isto nos ajuda a compreender o sucesso da difusão do cristianismo e da sua mensagem? E aqui levantamos a hipótese que dá vida a este artigo: o modelo do cristão/soldado ocasionou uma aproximação entre os cristãos primitivos e os devotos de uma religião que, contemporânea ao cristianismo nascente, vinha se desenvolvendo e conquistando espaço dentro do Império Romano – o mitraísmo.

Sobre o mitraísmo, João Marcos Alves Marques (2017) esclarece que ele era essencialmente um culto de mistérios que se tornou bastante proeminente no Império Romano entre o final do século II d.C. e o século IV d.C., embora sua presença dentro das fronteiras do império seja datada pelo menos desde o século II a.C. A principal fonte literária que narra a vida de Mitra, desde seu nascimento até sua ascensão ao céu é o *Avesta*, uma compilação feita a partir de estórias orais que versavam sobre a divindade, desde o seu nascimento até sua subida ao céu, mas que só ganhou sua forma definitiva entre os séculos IV e VI d.C. No entanto, a versão que temos hoje desta “bíblia” persa é bastante fragmentária, devido à perda de vários manuscritos (AFONSO, 2012: 11).

Seu culto originou-se, provavelmente, na Pérsia, onde Mitra era venerado como uma divindade solar responsável pelos pactos e por ser um deus guerreiro. Segundo a estudiosa Cátia Alexandra Afonso (2012),

Mitra era um deus da caça, dos pactos e dos sacrifícios⁴. Ao longo da sua existência, teve de medir forças com outras entidades e seres, a começar pelo Sol. Depois de capturar um touro com suas próprias mãos e carregá-lo nos seus ombros até uma caverna, Mitra sacrifica o touro por ordem do Deus Sol, o corta em pedaços e compartilha a carne do animal com a divindade solar. É possivelmente a partir deste gesto que Mitra adquire superioridade sobre o Deus Sol, intuição reforçada pelo fato de ser Mitra quem oferece o alimento para a divindade solar, demarcando, assim, sua supremacia. Após firmar sua preeminência sobre o Sol, Mitra deposita sobre a cabeça do Sol (que se prostra diante dele) uma coroa brilhante, como prova de sua superioridade e generosidade. Finda esta cena, Mitra convida o Sol a se reerguer e celebra com ele um pacto de amizade. Ato contínuo, os dois ascendem aos céus⁵ (AFONSO, 2012: 36-37).



Figura 1: Mitra sacrificando o touro enquanto é observado pelo deus sol, no canto superior esquerdo. Afresco do mitreu de Marino, Itália, século III d.C.

⁴ A mando do Sol, Mitra sacrifica um touro, cujo sangue derramado origina toda a vida existente no cosmos.

⁵ A autora aponta para um enigma que até hoje permanece insolúvel: se por um lado, Mitra submete o Sol, denotando serem duas entidades distintas; por outro lado, um dos epítetos de Mitra é justamente o de *Sol Invictus*, sugerindo que o Sol e Mitra são uma única entidade. Em tempo, esta narrativa aproxima Mitra do semideus Hércules, pois num dos seus doze trabalhos, Hércules subjugou com as próprias mãos o Touro de Creta. É certo que houve uma identificação entre o *Invictus* Mitra e o *Invictus* Hércules. Para o soldado romano, os dois heróis representavam o símbolo máximo da virilidade que todo soldado devia possuir.

O pesquisador Samuel Laeuchli observa que, quando o mitraísmo entrou em contato com o helenismo, o sacrifício real do touro (tauroctonia) deixou de ser praticado por seus adeptos e se tornou uma ação puramente simbólica, mesmo porque os mitreus (templos de adoração a Mitra, construídos para se assemelharem a cavernas) eram construções de tamanho reduzido, onde não haveria espaço suficiente para se introduzir um animal de porte tão avantajado para, em seguida, se abatê-lo. (LAEUCHLI, 1967: 54).

Seu aspecto guerreiro é matizado pelo fato de que Mitra travava uma eterna batalha contra as forças do mal. Nas paredes dos mitreus, Mitra é retratado como um jovem que está vestido como uma espécie de soldado, portando sempre uma adaga ou espada enquanto sacrifica um touro. Mitra também era considerado invencível e tinha o epíteto de *Invictus* (MARQUES, 2015: 6).

Arthur Weigall sustenta que o culto ao deus Mitra foi introduzido em Roma por marinheiros cilícios a partir de 68 a.C. (WEIGALL, 2008: 135). Apesar disto, João Marcos A. Marques enfatiza que o grande disseminador do mitraísmo no Império Romano foi o exército. As legiões romanas, espalhadas ao longo das fronteiras do império, especialmente nas fronteiras orientais da Síria, Pérsia e Egito, eram apresentadas a novas divindades e, muitas vezes, acabavam se tornando praticantes e difusores destes cultos orientais. A partir do reinado de Otávio Augusto (27 a.C. a 14 d.C.), o exército romano passou a recrutar soldados não mais apenas entre os cidadãos romanos, mas também entre todos os homens das províncias que tivessem direito de cidadania⁶.

E ao fazer isto, as legiões romanas possibilitaram que as religiões e crenças destes povos angariassem devotos aos milhares dentro das fileiras do exército. Não é coincidência que grande parte dos mitreus descobertos nas escavações arqueológicas se localizassem próximos a acampamentos e postos militares (MARQUES, 2015: 3-4).

Os arqueólogos descobriram na cidade de Óstia as ruínas de um mitreu cujo assoalho é decorado com um mosaico, no qual se delineiam os sete graus que o iniciado no mitraísmo devia trilhar. Um destes graus era chamado de *miles* (soldado) e demonstra o quanto a figura do soldado era estimada dentro do culto⁷. Os símbolos utilizados para representar o grau do soldado são a

6 Em 212 d.C., um edito promulgado pelo imperador Caracala concede cidadania a todos os homens livres dentro do Império Romano, o que ampliará bastante o plantel de abastecimento de novos recrutas para o exército romano.

7 Os graus iniciáticos são, por ordem crescente, o *corax* (o corvo), o *nymphus* (o noivo ou esposo), o *miles* (o soldado), o *leo* (o leão), o *perses* (o persa), o *heliodromus* (o mensageiro do sol) e, por fim, o *pater* (o pai).

lança, o capacete militar e o saco (que os soldados levavam consigo em suas expedições). (MARQUES, 2015: 7)⁸. Ver as gravuras abaixo:

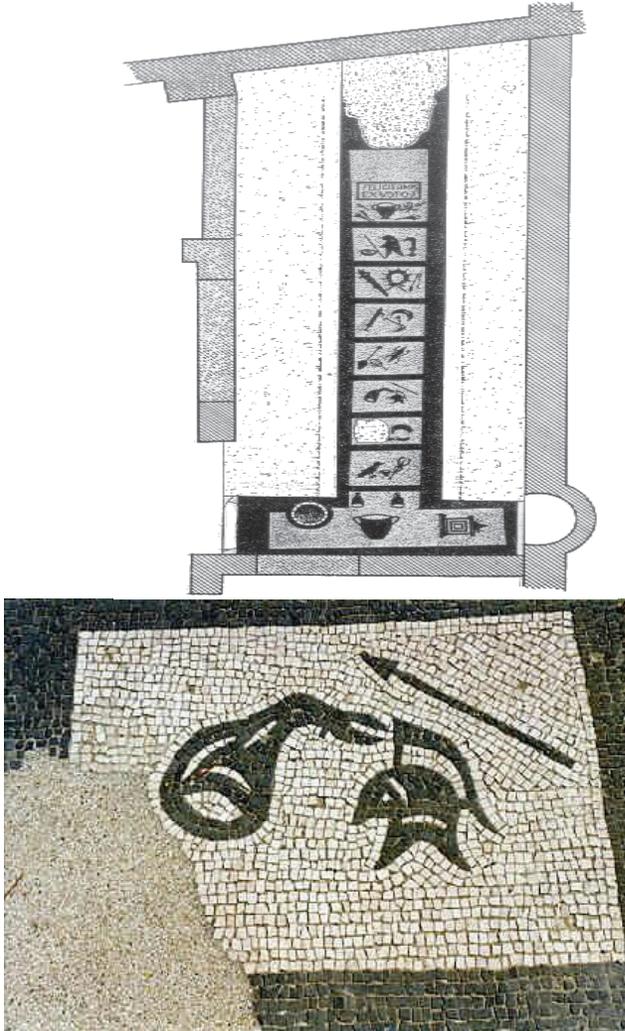


Figura 2: Mosaico desenhado no chão do mitreu de Felicissimo, em Óstia, Roma. (Meados do século III d.C). Em destaque, a parte do mosaico que representa o grau do soldado.

⁸ Vale ressaltar que um dos primeiros vestígios materiais atestando a presença da participação de um soldado romano no culto mitraico é um ex-voto de um soldado de cavalaria, de nome Tacitus, que pertencia a *Cobors XXXII Voluntariorum Civium Romanorum*, encontrado em um mitreu localizado na cidade de Nida, datando do ano 110 d.C. (MARQUES, 2017: 82).

Além disso, foram descobertas placas votivas como dedicatórias em um mitreu na Grã-Bretanha feitas por um *praefectus*⁹ e um centurião, datando do século III d.C. Estas placas votivas ilustram a devoção do oficialato militar romano com o culto mitraico e contém as seguintes inscrições:

Ao invencível Deus do Sol Mitra, Senhor eterno, Publicius Proculus, centurião, em nome dele e de seu filho, Proculus, cumpriu mercedamente o seu voto, no consulado dos nossos senhores Gallus e Volusianos (Apud. MARQUES, 2017:102).

Para o Deus Invencível Mitra, Marcus Simplicius Simplex, prefeito, de boa vontade e mercedamente cumpriu seu voto (Apud. MARQUES, 2017:102).

O apologista cristão Tertuliano teceu algumas considerações sobre a cerimônia ritualística mitraica e, ainda que seu objetivo fosse difamar o mitraísmo frente aos cristãos, seu registro nos é útil na medida em que nos dá a dimensão da apreciação que a simbologia do soldado desfrutava para os devotos de Mitra.

(...) colocado à prova sob juramento, ele [o neófito] tem isso como sinal de reconhecimento; rapidamente é considerado soldado de Mitra em um pacto onde ele joga por terra a coroa [que lhe é oferecida durante o rito de iniciação], em um pacto onde ele diz que sua coroa é o seu deus (Tertuliano. *De Corona Militis* XV.4).

Arthur Weigall pondera que a aclamação “Soldado de Mitra” foi a inspiração para a expressão “Soldado de Cristo” na pregação cristã, como se vê na Segunda Epístola a Timóteo (2 Tm 2:3) e foi a origem da exortação paulina para que os cristãos se revestissem da “armadura da luz” (Rm 13:12) – uma vez que Mitra era considerado o deus da luz (WEIGALL, 2008: 143).

Podemos conjecturar que para muitas pessoas dentro do Império Romano que buscavam por proteção por meio da magia contra forças sobrenaturais malfazejas, ou até contra inimigos reais, evocar a imagem do soldado como uma entidade protetora (afinal, ele é alguém forte e imbatível) faria todo sentido. A título de comparação, seria o correspondente a atual Oração de São Jorge (o santo guerreiro), tão conhecida entre os católicos. Não é à toa que a prece começa com os seguintes dizeres: “Andarei vestido e armado com as armas de São Jorge...”.

⁹ O *praefectum castrorum* era o oficial encarregado de manter e atualizar o equipamento, organizar a legião e certificar-se de que os soldados estavam devidamente treinados.

Fica a pergunta: será que os cristãos que praticavam magia teriam aderido ao impulso de também evocar a imagem do soldado – ou uma imagem que fosse associada ao soldado, como, por exemplo, o sol, conforme já vimos no mitraísmo – a fim de reforçar a sua segurança contra seus inimigos, espirituais e humanos? Se a resposta a esta indagação for positiva, então poderemos vislumbrar uma explicação do porquê o cristianismo se propagou de forma tão bem-sucedida: o sincretismo foi a chave do sucesso.¹⁰

Exemplos materiais de que os primeiros cristãos praticavam magia são numerosos. Os principais documentos que corroboram este fato são os Papiros Mágicos Gregos (PMG), uma coletânea de textos de cunho esotérico que contém fórmulas mágicas de encantamentos visando à obtenção de favores e/ou a proteção contra forças sobrenaturais.¹¹ Embora tenham sido compilados em um lapso de tempo entre os séculos II a.C. e V d.C., o estudioso Gabriele Cornelli salienta que eles refletem tradições bem mais antigas, a maioria transmitidas oralmente. (CORNELLI, 2003: 59-60).

E o aspecto mais notável é que em vários destes papiros nós vislumbramos traços do sincretismo entre a religião e o misticismo judaicos e as crenças politeístas da religião clássica greco-romana. Não nos esqueçamos de que no primeiro século (e até a primeira metade do segundo), os cristãos ainda eram considerados judeus e se viam como tal. Os excertos reproduzidos abaixo foram retirados da coleção *The Greek Magical Papyri in Translation*, de Hans Dieter Betz.

No fragmento que seque logo abaixo, fica evidente a associação que o mago faz entre o deus-sol e os anjos da mitologia hebraica. O primeiro a ser saudado é o deus-sol, Hélio. Logo a seguir são saudados os arcanjos Gabriel, Rafael e Miguel. O texto parece sugerir que os três arcanjos operam em colaboração com a divindade solar, a quem estariam submetidos, sendo esta colaboração que torna possível a concessão da vitória ao mago suplicante.

¹⁰ Quanto ao fato dos primeiros cristãos se envolverem com práticas de magia, ver o artigo de André L. Chevitarese, intitulado *Práticas mágicas no Novo Testamento e para além dele*. In: *Judaísmo, cristianismo e helenismo*. Itu: Ottoni Editora, 2003, pp. 51-58. Quanto ao sincretismo aludido acima, em um dos papiros mágicos gregos, Mitra e Hélio (o deus-sol) são identificados como uma única divindade: “...que o grande deus Hélio Mitra ordenou ser revelado a mim pelo seu arcanjo, de modo que eu possa sozinho ascender aos céus como um inquiridor e contemplar o universo”. (PMG IV. 480-485).

¹¹ A maior parte da coleção dos papiros foi descoberta por Jean d’Anastasi (1780-1857), um diplomata sueco de origem armênia, residente em Alexandria. Grande parte dos papiros foi achada na cidade de Tebas, provavelmente pertencentes à tumba de algum mago.

Intrigante também é a menção a uma divindade chamada SABAOOTH, que, segundo Gabriele Cornelli, era um dos nomes usados para invocar o deus judeu YAHWEH, juntamente com as designações IAO e ADONAI. (CORNELLI, 2003: 68).

PMG VII. 1017-26

Salve Hélio [o Deus-Sol]! Salve Hélio! Saudações, Gabriel! Saudações, Rafael! Salve, Miguel! (...). Dê-me a autoridade e o poder de SABAOOTH. (...) Conceda que eu obtenha a vitória, conforme eu a invoquei de você [isto é, do deus solar Hélio] (BETZ, 1986:145).

O texto a seguir reforça o apelo do fragmento anterior pela necessidade da vitória sobre os adversários, acrescido do desejo por poder, glória e bens materiais; benesses que, aparentemente, só poderiam ser conquistadas mediante a intervenção do deus sol.

PMG XXXVI. 211-30

Oração a Hélio: um encanto para conter a ira [do inimigo?] e para obter a graça da vitória e da segurança, da qual nenhuma graça é maior. Diga ao sol [Hélio] a oração sete vezes e unja a mão com óleo e limpe-a na cabeça e no rosto. (...) Alegrai-vos comigo, você que sobrepuja o vento leste e o mundo, para quem todos os deuses servem como guarda-costas no seu bom momento e no seu bom dia, você que é o bom *daimon* do mundo, a coroa¹² do mundo habitado, você que se levanta do abismo, você que guarda o dia e se ergue jovem (...) Imploro senhor, não permita-me ser derrubado, ser conspirado, receber drogas perigosas, ir ao exílio, para cair em tempos difíceis. Em vez disso, peço para obter e receber da sua [fonte de] vida, saúde, reputação, riqueza, influência, força, sucesso, encantamento e graça para com todos os homens. (...) vitória sobre todos os homens e todas as mulheres (BETZ, 1986: 274).

No fragmento transcrito abaixo, o mago começa clamando pela intercessão do deus Hélio (o deus que se senta sobre o abismo) para, logo depois, invocar o poder dos patriarcas hebreus para que eles forcem outras divindades a realizar os desejos expressos pelo mago. A oração termina com

¹² Recordemos a passagem de Tertuliano, citada acima, de que o devoto de Mitra dizia que Mitra era a sua coroa.

o mago conjurando o deus dos judeus na forma IAO SABAOOTH, o que deixa transparecer que o deus judeu Yahweh (ou Jeová) gozava dos mesmos atributos do deus sol Hélios ou (o que é uma hipótese a ser explorada) que ambos eram divindades intercambiáveis, com algum grau de correspondência entre si, podendo ser ambos até uma mesma entidade. Outro aspecto destacável é que os adversários, desta vez, são identificados e apontados como agentes humanos e, dentre estes, são nomeados em primeiro e segundo lugar, respectivamente, os gladiadores e os soldados. Em outras palavras, reconhece-se nestas duas figuras, portadoras de armas e semeadoras da morte, o potencial de periculosidade que elas representavam na vida real.

PMG XXXV. 1-42

Clamo a você, deus que se senta sobre o abismo¹³. (...) Eu conjuro todos vocês [demais divindades] pelo deus de Abraão, Isaque e Jacó; que vocês obedeçam a minha autoridade completamente, cada um de vocês obedecendo perfeitamente, e que permaneçam ao meu lado e me deem graça, influência, vitória e força perante todos, homens pequenos e grandes, assim como diante de gladiadores, soldados, civis, mulheres, meninas, meninos e (...), devido ao poder e à força de SABAOOTH. (...). Conceda também, antes de tudo, graça e vitória, pois você [Hélios] ofereceu bons presentes a ALBANATHANALBA e AKRAMACHAMARI [nomes desconhecidos]; e é por isso que estou exortando e conjurando você... que você dê graça, vitória, poder e espírito em meu nome (...) porque eu conjuro, IAO SABAOOTH AO SABAOOTH (BETZ, 1986: 268).

O próximo fragmento nos chama bastante a atenção e reforça o comentário feito acima acerca de uma simbiose entre o deus judaico e a divindade solar, haja vista que ele se dirige a um deus que criou os arcanjos e que é rodeado por legiões de anjos. A alusão ao deus hebraico, Yahweh, é evidente. Mas ele também é descrito como “governante dos raios do sol”, como que identificando o deus hebreu com o deus Hélios. Todavia, há um detalhe que se sobressai no texto em questão: o deus em questão é aclamado como um primogênito. Haveria aqui uma alusão sub-reptícia à figura de Jesus Cristo? Em várias passagens bíblicas Jesus é congratulado como sendo o primogênito. No evangelho de Lucas, ele é o primogênito de Maria (Lc 2:6-

¹³ É uma referência ao deus sol Hélios, conforme podemos observar lendo a frase contida no papiro anterior: “você que se levanta do abismo...” (PMG XXXVI. 211-30).

7), no Livro do Apocalipse, ele é o primogênito dentre os mortos (Ap 1:5) e na Epístola aos Colossenses, ele é o primogênito sobre toda a criação. (Col 1:15). Atentemos também para o emprego do verbo *escudar* (isto é, proteger com um escudo). Ele nos remete ao gesto do soldado de se proteger usando um artefato bélico, ainda que de caráter defensivo.

PMG I. 195-222

Esta, então, é a oração de libertação dirigida ao deus primogênito [Jesus?] (...) eu suplico a você, oh eterno, eterno governante dos raios do sol, eterno governante da esfera celeste. (...). Ouça-me, você que estabeleceu os poderosos decanos e arcanjos, e ao lado de quem estão incontáveis miríades de anjos. (...). Clamo a você, senhor do universo, em uma hora de necessidade; ouça-me, pois minha alma está perturbada, e estou perplexo e carente de tudo. Portanto, venha a mim, você que é o senhor de todos os anjos; escuda-me contra todos os excessos da magia (...) AMBRAMI ABRAAM (...) me salve em uma hora de necessidade. [Diga isto a Hélio ou a quem você for obrigado a dizer] (BETZ, 1986:8).

O próprio Jesus é citado nominalmente nos PMG como sendo o deus dos hebreus em um papiro contendo instrução para um ritual de exorcismo, a fim de libertar uma determinada pessoa do jugo de um demônio:

PMG IV. 1230

Salve, Deus de Abraão; salve, Deus de Isaque; salve, Deus de Jacó; Jesus Cristo, o Espírito Santo, o Filho do Pai (...) Traga IAO SABAOTH, possa o seu poder emanar de dentro dele, NN, até que você [Jesus] expulse este demônio impuro, Satã, que está dentro dele [isto é, do sujeito possuído, que é o destinatário da petição mágica]¹⁴ (BETZ, 1986: 62).

Na fórmula mágica do texto abaixo, Jesus, além de claramente identificado com o deus dos hebreus, é agraciado como sendo “o portador da luz” e definido como um deus “invencível”; os mesmos epítetos do deus Hélio.

14 As letras NN serviam para marcar o espaço, dentro do texto, onde era inserido o nome da pessoa para quem se destinava a ação mágica.

PMG IV. 3020-3080¹⁵

Eu conjuro você pelo deus dos hebreus; Jesus. (...) seja lá qual for a sua natureza (...) porque eu te conjuro pelo deus portador da luz, invencível, que conhece o que está no coração de todos os seres vivos, aquele que forjou do pó a raça humana (...) E eu exorto a você, aquele que recebe esta conjuração, a não comer carne de porco, e todo espírito e demônio, de qualquer tipo que ele seja, estará sujeito a você (BETZ, 1986: 96-97).

Dito isto, podemos inferir então que é JESUS – HÉLIO quem detém o poder para salvaguardar o peticionário das artimanhas da magia, demonstrando o quanto estas figuras eram reconhecidas e estimadas pelos antigos como entidades dotadas de plena capacidade para proteger os homens contra as forças do além. Relendo este último fragmento, é impossível não nos recordarmos da admoestação final dirigida aos cristãos, descrita no último capítulo da Epístola aos Efésios.

Considerações finais

A necessidade por uma proteção mágica contra as ameaças representadas pelos adversários do cristianismo, viessem elas do mundo material (delação às autoridades, linchamentos) ou do campo da magia (medo de feitiços, maldições ou possessões demoníacas), contribuiu para induzir as primeiras gerações de cristãos a catapultar a figura de Jesus à condição de divindade capaz de salvaguardá-los dos perigos. E com o tempo, os praticantes de magia espalhados pelo Império Romano (fossem eles gentios, judeus ou cristãos), foram se predispondo a aceitar Jesus, de fato, como uma divindade. O Jesus profeta/curandeiro que viveu na Galileia, o Jesus humano (ou como nós historiadores gostamos de nos referir: o Jesus histórico), estava perdendo sua humanidade. Ou melhor, sua humanidade estava cedendo lugar para um Jesus divinizado, em pé de igualdade e em disputa direta com as divindades gregas, romanas, egípcias, sírias, persas, etc. para angariar mais adeptos. Do calor destas disputas emergiu o cristianismo constantiniano que perdurou pelos séculos até os dias de hoje.

¹⁵ Este excerto está contido dentro de uma fórmula mágica maior do papiro, cujo catálogo é PMG IV. 3007-86.

Documentação:

AESCHYLUS. Eumenides. Trans. by SMYTH, Herbert Weir. In: < www.perseus.tufts.edu>. Harvard University Press, 1926.

BETZ, Hans D. The greek magical papyri in translation. Chicago & London: The University Chicago Press, 1986.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. de GIRAUDO, Tiago. (5ª. ed.). SP: Paulus, 1996.

PHILOSTRATUS. Life of Apollonius. Trans. by CONYBEAR, F. C. Loeb Classical Library, 1912. In: www.livius.org .

TERTULLIAN. De Corona Militis. Trans. by THELWALL, Sidney. In: The Ante Nicene Fathers: the writings of the fathers down to 325 A. D. <<https://en.wikisource.org>>, 1885.

Bibliografia

AFONSO, Cátia Alexandra. *Cristianismo e mitraísmo na Roma antiga*: aspectos comparativos, séculos I-IV. Dissertação de Mestrado. Lisboa: 2012.

CAVALCANTI, Juliana B. Notas sobre o ritual batismal nas comunidades paulinas de Corinto e Éfeso. In: **Revista Eletrônica Jesus Histórico**. ISSN 1983-4810, ano VI, vol.11, 2013, pp. 81-91.

CORNELLI, Gabriele. Convergências apocalípticas nas esquinas da magia: o sincretismo religioso helenístico dos Papiros Mágicos Gregos. In: CHEVITARESE André L. & CORNELLI, Gabriele. **Judaísmo, cristianismo e helenismo**. Itu: Ottoni Editora, 2003, pp. 59-77.

FILHO, José Adriano & NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. Pluralismo no cristianismo primitivo em Éfeso: tensões e estratificações. In: **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**. Ed. PUC-MG, ISSN: 2175-5841, vol. 13, 2015, pp.1930-1954.

LAEUCHLI, Samuel. Mithraic dualismo. In: LAEUCHLI, Samuel. **Mithraism in Ostia**. Northwestern University Press, 1967, pp. 46-66.

MARQUES, João Marcos Alves. **Soldados romanos entre representações e identidade no mitraísmo romano** (séculos II-IV d.C.). XXVIII Simpósio Nacional de História (ANPUH). In: www.snh2015.anpuh.org, 2015, pp. 1-10.

_____. **O exército romano e as representações do deus Mitra**: possibilidades interpretativas. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará, 2017.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo**. SP: Paulinas, 2003.

SOUZA, Rafael de Abreu. Miles et paganus: apontamentos acerca dos efeitos do exército romano sobre as populações locais. In: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme>. ISSN:1518-3394, ano XI, vol. 5, 2004, pp. 445-466.

WEIGALL, Arthur. **The paganism in our christianity**. San Diego: The Book Tree, 2008.

Submetido em: 14-4-2020

Aceito em: 15-12-2022